ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA – Foi lançada pela Empresa do jornal *O Século* em Novembro de 1903 e manteve-se até 1993. Uma longevidade mais aparente do que real, porque a partir de 1931 verifica-se apenas a edição de um ou dois números por ano, com poucas páginas, evidenciando o propósito exclusivo de manter a posse do título.

A presente "ficha" respeita aos números digitalizados, ou seja, aqueles que foram publicados até ao ano de 1923. Durante esse período conheceu **duas séries**, tendo a segunda sido iniciada a 26 de Fevereiro de 1906. Até esta data, a *Ilustração Portuguesa* não assume a existência de um director, apenas indica o «Editor», **José Joubert Chaves**. Mas considerando a filiação da revista, o mais provável é que a direcção pertencesse a José Joaquim da Silva Graça, director e proprietário d' *O Século*.

Depois de começada a segunda série, a *Ilustração Portuguesa* foi dirigida por **Carlos Malheiro Dias** (até Fevereiro de 1912), a quem sucedeu **J. J. da Silva Graça** (até Maio de 1921). Nesse ano, a propriedade da revista passa para a Sociedade Nacional de Tipografia. O nome de Silva Graça manteve-se no cabeçalho da revista, na qualidade de seu director, no entanto, consta que, por essa altura, saiu do país e fixou residência em França[1]. Entretanto, a direcção foi assumida por **António Ferro**[2] (de Outubro de 1921 até Maio de 1922) e, posteriormente, por **António Maria de Freitas**[3] (Julho de 1922 até falecer, em Setembro de 1923).

Edição semanal, a *Ilustração Portuguesa* tem na imagem a sua marca distintiva. O editorial de apresentação faz questão de vincar bem essa opção, sublinhando a importância do desenho que, «pelos tempos fora, reproduziu tudo». Entendida como um complemento d' *O Século*, propunha-se utilizar essa linguagem universal para dar a conhecer «o mais belo e o mais útil». A *Ilustração Portuguesa* seria o «álbum das grandes festas e dos casos triviais», na ideia de que essa informação seria de proveito «tanto aos homens de hoje como ás gerações vindouras»[4].

Em 1906, esse programa é reformulado, dando início à segunda série. O «**álbum**» dará então lugar ao «***magazine*** semanal onde ficarão archivados, pela photographia, pelo desenho, pelo *intervieu* e pela descrição e reportagem literárias, todos os aspectos da vida portuguesa contemporânea.» Para tal, a *Ilustração Portuguesa* assumia o compromisso de abrir as suas «columnas [à] collaboração de todos os seus leitores que lhe tragam o subsidio de uma idea nova e original, de interessantes documentos graphicos ou litterarios», além de

[1] «Silva Graça (José Joaquim da)». *Grande enciclopédia portuguesa brasileira.* Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., 1978.
[2] Cf. *Ilustração Portuguesa*, 2.ª Série, n.º 816, de 08/10/1921, p. 232-234.
[3] Cf. *Ilustração Portuguesa*, 2.ª Série, n.º 855, de 08/07/1922, p.25 e nº 917, de 17/09/1923, p. 347.
[4] Cf. *Ilustração Portuguesa*, I Ano, n.º 1, 09/11/1903, p. 2.

promover «concursos de photographia, de desenho, de monographias regionaes e de estudos de costumes».

Essa estratégia de proximidade e interacção com os leitores, por um lado, e de incremento das artes e da cultura em geral, por outro, seria ainda complementada pela programação desenvolvida no «**salão de festas**», que ia inaugurar brevemente, e na qual se incluiriam «conferencias, concertos, exposições de pintura, de esculptura, de artes decorativas, de photographia, de gravura, de mobiliário», etc. [5]

Tal como em 1903, está presente o propósito de «fixar e transmittir ás gerações futuras a imagem da nossa existência contemporânea, em todos os seus campos de actividade, documentando a nossa actual vida domestica, politica literária, mundana e artística, coligindo os mais numerosos subsídios para a leitura dos homens e dos documentos.»

Entre os seus primeiros **desenhadores** encontravam-se Alberto Souza, **Cândido**, Carlos Pereira, **Jorge Colaço**; mas foi na segunda série, por via de colaboradores como **Almada Negreiros**, Apeles Espanca, Bensaude, **Bernardo Marques**, **Cottineli Telmo**, Ferreira da Costa, Gaspar Teles, **Jorge Barradas**, **Manuel Gustavo**, **Rocha Vieira**, **Start Carvalhais**, que a *Ilustração Portuguesa* se fez catálogo de arte.

O propósito de informar por imagens alcançou-se também com recurso à fotografia que, à rapidez de execução, acrescentava a nota da veracidade de tudo o que é captado pela lente de uma máquina, e o toque de modernidade. Num ápice, os desenhos são suplantados pelos *clichés* de **Bobone**, **Camacho**, João Correia dos Santos e V. Mello; e, iniciada a segunda série, de Augusto Teixeira, **Benoliel**, **Delius**, Félix, Frederico Braga, **Garcez**, Guedes d'Oliveira, João Magalhães Júnior, **Novaes**, Photographia Sequeira & Roque, **Salgado**, **Vasques**, entre muitos outros; aos quais havia ainda que acrescentar as **dezenas de amadores**, de todo o país, que enviaram fotografias para a *Ilustração Portuguesa*, que as publicou, identificando os autores pelo nome e agradecendo a oferta; com igual ou maior interesse foram recebidas as fotos dos militares que participaram na I Grande Guerra.

É um conjunto impressionante, não obstante a pequena dimensão de muitos registos e a sua fraca definição. Foi certamente fundamental ou mesmo determinante para o sucesso da *Ilustração Portuguesa*. Não é difícil imaginar quão sedutora terá sido, mesmo entre os iletrados, uma publicação que faz notícia do que acontece em todo o mundo, no país, isto é, nos grandes centros urbanos, mas também nas vilas e aldeias mais recônditas, oferecendo paisagens reconhecíveis, rostos familiares e até o protagonismo de uma fotografia, um desenho ou uma história.

---

[5] Cf. *Ilustração Portuguesa*, III Ano, n.º 118, 05/02/1906, p. 93.

Apesar do claro predomínio da imagem, a *Ilustração Portuguesa* também apresenta uma componente textual, assegurada por um quadro de **colaboradores literários**, que merece referência e atenção.

Na primeira série destacam-se as crónicas regulares de **Rocha Martins**, que comenta os mais variados assuntos, desde as comemorações de calendário, às homenagens institucionais, até às greves e comícios. Não será exagerado apontar-lhe uma sensibilidade especial pelas questões sociais, sempre no sentido de denunciar a miséria, as condições de trabalho dos estratos mais desfavorecidos, etc. Embora no seu comentário não aborde, directamente, questões de natureza político-partidária, é também notório que tem uma opinião pouco favorável dos políticos, sobretudo de José Luciano de Castro. Para dar exemplo do tom e porque a matéria mantêm ainda actualidade, chama-se a atenção para a crónica publicada em Agosto de 1905. A pretexto de comentar o novo regulamento sobre mendicidade em Lisboa, Rocha Martins denuncia a existência de um espírito nacional que vive à sombra do Estado e da corrupção: «Prohibir de pedir em Lisboa é um cataclysmo, é uma medida que dará resultados contrários, porque já é um habito inveterado mesmo nos que não teem necessidade. Para conseguir acabar com a mendicidade é necessário destruir os exemplos que vêem do alto e mesmo do Altíssimo, prohibindo que se peçam entre outras coisas os votos, sejam em forma de cera, para os santos, sejam em forma de listas para os futuros deputados!...»[6]

Outros colaboradores desta primeira série foram Alberto Braga, Augusto Fuschini, Bernardo Jacome, João Paulo, João Correia dos Santos e Santos Tavares. Muitos dos textos não são assinados.

Para cumprir o ambicioso programa da segunda série, a *Ilustração Portuguesa* contou com colaborações literárias preciosas, nomeadamente de Acácio de Paiva, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo Mesquita, António Sardinha, Aníbal Soares, Aquilino Ribeiro, Bulhão Pato, Câmara Reis, Carlos Malheiro Dias, Eugénio de Castro, Fernando Pessoa, Jaime Cortesão, João de Barros, João Grave, Júlio Dantas, Manuel da Silva Gaio, Mário de Almeida, Mello de Matos, Norberto Araújo, Sousa e Costa, Theofilo Braga, Vieira da Costa, entre muitos outros.

Destaque também para as **colaborações femininas**, que só a partir de 1909 vão surgindo timidamente, atingindo alguma expressão na década de 20: Amélia Cardia, Bertha Leite, Branca Gonta Colaço, Fernanda de Castro, Helena de Aragão, Maria de Carvalho, Mercedes Blasco, Maria O'Neill, Virgínia Vitorino, entre outras. Refira-se, aliás, a presença de alguns textos que reflectem sobre a condição feminina que, por força da Grande Guerra, conhecerá mudanças significativas.

A Guerra terá também um impacto significativo na vida da *Ilustração Portuguesa*, por motivo da dificuldade em adquirir papel e pelo aumento dos custos das matérias-primas. A mistura de papéis de diferente qualidade, a

[6] Cf. *Ilustração Portuguesa*, II Ano, n.º 94, de 21/08/1905, p. 558.

diminuição do número de páginas e o aumento do custo, quer do número avulso quer das assinaturas, serão inevitáveis a partir de 1914[7].

Outra consequência será a inclusão do ***Século Cómico***, anunciada em1916, na crónica da primeira página: «Enquanto durar a falta de papel, *O Século Cómico*, como adiante referimos, sairá encorporado na *Ilustração Portuguesa*. Acácio de Paiva, o brilhante director do espirituoso semanário, tão elegante prosador como laureado poeta, aquiesce a encarregar-se simultaneamente d'esta crónica.»[8] A situação manteve-se até Julho de 1921.

Rita Correia
(16/12/2009)

Bibliografia

Grande enciclopédia portuguesa brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., 1978.

PIRES, Daniel - *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX*. Lisboa: Grifo, 1996.

[7] Cf. *Ilustração Portuguesa,* II Série, n.º 455, de 09/11/1914, p. 608.
[8] Cf. *Ilustração Portuguesa*, II Série, n.º 541, de 03/07/1916, p. 1.